

ORDENAÇÃO DE ADVERBIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS NO PORTUGUÊS ESCRITO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

MARIA MAURA CEZARIO (UFRJ/CNPq)
NATALIA MACHADO (UFRJ/CNPq-PIBIC)
BRUNA SOARES (UFRJ/CNPq)

1- Introdução

Este artigo apresenta um estudo dos usos de locuções adverbiais com valor temporal e/ou aspectual (tais como *às vezes*, *no início* e *durante muitos anos*) sob o ponto de vista da lingüística funcionalista, com foco principal na ordenação de palavras. Sabendo que esses elementos adverbiais (doravante adverbiais) podem ocupar diferentes posições na estrutura oracional do português, analisaremos alguns dos fatores favorecedores da motivação da ordenação.

A abordagem funcionalista norte-americana leva em consideração fatores discursivos e pragmáticos ao estudar as línguas. As intenções comunicativas, o conhecimento de mundo partilhado entre falante e ouvinte e a visão subjetiva do falante a respeito do assunto ou fato apresentado não são deixados de lado na pesquisa dessa corrente. Assim fatores discursivos, cognitivos e interacionais, além dos estruturais, são relevantes para se explicar determinado uso lingüístico.

Apresentaremos uma análise que aborda dois fatores que podem motivar o uso de posições diferentes dos adverbiais, um de ordem estrutural e outro de ordem discursiva. Também faremos uma comparação do uso desses elementos em duas sincronias: português arcaico e contemporâneo. Os *corpora* analisados são: para o português arcaico, o livro *Orto do Esposo* (século XIV-XV), organizado por Bertil Maler¹; e para o português atual, o livro *Tocar o Senhor* (1994) do Padre Léo. Tivemos a preocupação de manter o mesmo gênero e tema para não comprometermos a análise.

Quanto ao fator de ordem estrutural, verificaremos se a presença ou ausência do sujeito na frase influencia a posição da locução adverbial. Pesquisas, sobretudo de cunho formalista, postulam que, nas orações em que o sujeito está ausente ou é inexistente, o adverbial tende a ocorrer na posição inicial, antes do verbo; já nas orações em que o sujeito está presente na posição típica pré-verbal, os circunstanciadores temporais e locativos tendem a aparecer depois do verbo.

O fator discursivo analisado é o que trata da função do adverbial num âmbito maior que a oração. Segundo Paiva (2008), os adverbiais temporais, bem como os locativos, não fornecem apenas coordenadas circunstanciadoras dentro da oração em que se encontram, mas podem também desempenhar funções diversas no discurso, como contraste com referentes apresentados no discurso antecedente, focalização ou ainda servem como introdutórios de um novo assunto.

Com relação à posição típica de uso do adverbial, nossa hipótese é a de que deva haver diferenças de uso entre o português arcaico e o contemporâneo, pois o português arcaico tinha uma ordenação mais livre do que a ordenação do português atual, além disso, havia mais usos de sujeito não preenchidos do que hoje. Esses fatores são relevantes para verificarmos se a ordenação de adverbiais do português escrito contemporâneo segue ou não as mesmas tendências de ordenação (em termos de frequência) do português arcaico.

Os objetivos principais da pesquisa realizada foram:

¹ Versão eletrônica.

- a) caracterizar as posições mais típicas dos advérbios temporais e aspectuais em cada sincronia estudada para verificação de possíveis mudanças nas tendências de colocação dos advérbios;
- b) verificar a presença ou ausência de sujeito nas orações em análise e estabelecer as possíveis relações entre este fator e a colocação dos advérbios na oração;
- c) analisar o papel discursivo das locuções em cada sincronia, observando um contexto maior que a oração, verificando-se elementos coesivos e de progressão textual.

2- Ordenação de advérbios na história do português

Percebemos que a ordenação de determinados advérbios mudou com o tempo. É o caso dos advérbios qualitativos, por exemplo, que podiam se colocar, no português arcaico, não apenas depois do verbo, como é usual atualmente, mas também antes do verbo, aparecendo, inclusive, entre o sujeito e o verbo (cf. Martelotta, Barbosa, e Leitão, 2002; Martelotta, 2002, 2003 e 2005). Os exemplos abaixo ilustram usos do português arcaico:

- (1) ... ca a renebrança do pecado com aquel deleyto que homê^{hi} recebe faz feder e avorrecer a alma aaquel que a no corpo meteu. (Livro das aves. p. 22)
- (2) ... porque preegas aos outros que vivã bem pois tu mal viver queres? (Livro das aves. p. 28)

Essa dupla possibilidade de colocação fica clara no caso do exemplo (2), envolvendo os advérbios qualitativos *bem* e *mal*². Tudo indica, portanto, que havia diferentes possibilidades de ordenação e que a colocação dos advérbios na frase ficou mais rígida na fase contemporânea (cf. Martelotta, 2002 e 2005). Essa mudança está relacionada a uma tendência mais geral de ordenação vocabular característica do português arcaico, que apresentava uma grande mobilidade.

Sabemos que os circunstanciais de tempo podem ocupar diferentes lugares na oração, como nos exemplos (3)-(7) nos dados abaixo, mas não sabemos se houve mudança em termos de preferência de uso posicional, assim como não sabemos quais os tipos semânticos eram mais frequentes no português arcaico e se a frequência é semelhante à de hoje.

- (3) Existem **hoje** no mundo muitos cristãos (TS, p. 12)
- (4) “**Pela manhã**, Jesus aparece na praia. (TS, p. 28)
- (5) “que haja disciplina **durante o ensaio**” (CEV, p.97)
- (6) Precisamos **hoje** tocar o Senhor (TS, p. 12)
- (7) que Deus **constantemente** nos fala (TS, p. 16)

Como o objetivo dos textos que formam o *corpus* é o mesmo – dar ensinamento religioso católico – e como o tema é o mesmo, podemos chegar a algumas conclusões acerca da tendência de mudança ou manutenção de usos advérbios e de ordenação ao compararmos as duas sincronias.

² Embora nessa posição pré-verbal *mal* exerça, no português atual, uma função diferente, estamos considerando esse uso arcaico de *mal* do exemplo (2) como um advérbio qualitativo, com base nos estudos de Martelotta e Leitão (1999) e Martelotta Barbosa e Leitão (2001), que demonstram ser possível, nessa fase do português, a ocorrência de qualitativos entre o sujeito e o verbo.

3- Usos dos advérbios em duas sincronias

Os dados foram retirados de parte do livro *Orto do Esposo* (apenas da primeira metade do livro), totalizando 180 locuções advérbias temporais e/ou aspectuais; e do livro *Tocar O Senhor*, totalizando 174 dados. Todas as locuções que ocorreram nesses *corpora* foram coletadas e analisadas segundo a sua posição na oração, a presença/ausência de sujeito e o seu papel discursivo.

3.1- Posição dos advérbios em duas sincronias

Quanto à ordenação, as locuções podem estar numa das posições abaixo:

1) **SadvV**: a locução encontra-se inserida entre o sujeito - que pode estar formalmente presente através de SN, pronome pessoal ou pronome relativo - e o verbo, como nos exemplos:

(8) “E Socrates **per noue~e~ta e noue a~nos** no~ quedou de e~synar...” (PA, p.24 - l.56)

(9) “Esta pergunta **um dia** foi feita ao Senhor.” (PC, p. 18 – l. 10)

2) **VadvC**: a locução insere-se entre o verbo e seu complemento (compreendendo o objeto, predicativo ou complemento circunstancial):

(10) “Eu vi **este outro dia** hu~a dona muy fremosa em seu rostro,...” (PA, p.8 – l.31)

(11) “Se não vemos **muitas vezes** sua eficácia, é porque os vivenciamos de forma errada.” (PC, p. 43 – l. 29)

3) **VadvS**: nesta posição, a inserção do advérbio ocorre entre o verbo e sujeito pós-verbal:

(12) “...e sume~se **pera senpre** tan be~ os regnos como as dignidades e os poderios e as crueldades.” (PA, p.53 – l.22)

(13) “Existem, **no mundo de hoje**, muitas pessoas desajustadas.” (PC, p. 44 – l. 32)

4) **Xadv(X)V**: posição pré-verbal em que antes do advérbio aparece um sintagma que não é nem sujeito, nem objeto³. Pode também aparecer um sintagma entre o advérbio e o verbo.

(14) “...mas e~no meo e **e~na fim** e~che-o de muytas maas andanças.” (PA, p.60 – l.21)

(15) “Em seu discurso, **no dia de Pentecostes**, encontramos o anúncio fundamental da Igreja.” (PC, p. 29 – l.20)

5) **VadvX**: posição pós-verbal, havendo um sintagma depois do advérbio (dentro da mesma oração).

(16) “Djz hu~u~ grande doutor em filosofia e em theologia que, sendo seglar, studaua **hu~a uez** e~ hu~u~ liuro da astronomia...” (PA, p.31 – l.50)

(17) “Isto ocorre **ainda hoje**, mesmo entre os cristãos consagrados.” (PC, p.80 – l.24)

6) **AuxAdvV**: o advérbio encontra-se entre verbos que compõem uma locução verbal.

³ O sintagma X, toda vez que aparece nesta pesquisa, é qualquer sintagma que não exerça função de sujeito ou objeto.

(18) “...ca e~ Rroma foy **hu~a uez** achado hu~u~ corpo dhu~u~ gigante muy grande,...” (PA, p.50 – l.42)

(19) “A doença, por exemplo, pode **muitas vezes** ser caminho para Deus.” (PC, p.89 – l.2)

7) **Margem esquerda (ME):** a locução adverbial ocorre em início absoluto da oração ou depois de conjunção.

(20) “E **muytas uezes** se alegra co~ ua~a~ esperança...” (PA, p.50 – l.31)

(21) “**De repente**, sente-se tocado”. (PC, p.11 – l.2)

8) **Margem direita (MD):** nesta posição, a locução é o último constituinte da oração, vindo, portanto, no fim desta.

(22) “...e nom lhe leixaua trager capelas de flores **aa sexta feyra**,...” (PA, p.14 – l.1)

(23) “Pedro nega pela **terceira vez**.” (PC, p.26 – l.33)

Vejamos a tabela 1, que apresenta a ordenação de adverbiais no português arcaico:

Ordenação	No. de dados	Percentual
SadvV	15	8,3
VadvC	20	11,1
VadvS	2	1,1
XAdv(X)V	5	2,8
VadvX	6	3,3
AuxAdvV	9	5
ME	64	35,6
MD	59	32,8
Total	180	100

Tabela (1): Ordenação de adverbiais no português arcaico

Os resultados demonstram maior frequência das locuções nas margens das orações: do total de 180 dados, 64 estão na margem esquerda (35,6%) e 59 dados aparecem na margem direita (32,8%), totalizando quase 70% de todos os dados.

Com relação ao português contemporâneo (tabela 2), constatamos que as margens também são preferidas, mas há uma tendência maior para uso da margem esquerda:

Ordenação	No. de dados	Percentual
SAdvV	12	7
VAdvC	26	15
VAdvS	2	1
XAdv(X)V	8	4,5
VAdvX	5	3
AuxAdvV	5	3
ME	74	42,5
MD	42	24
Total	174	100

Tabela (2): Ordenação de adverbiais no português contemporâneo.

Observamos que 74 do total de 174 (42,5%) predominam na margem esquerda, enquanto 42 dados do total de 174 (24%) ocorrem na margem direita. No entanto, quase metade dos dados se encontra na posição marginal à esquerda, o que significa que esta é a posição prototípica para as locuções temporais e aspectuais no português escrito contemporâneo, pelo menos na amostra estudada. A margem esquerda, nas línguas, geralmente é usada para contraste de idéias, de referentes, topicalizações. Provavelmente o fato de o *corpus* contemporâneo estudado ser argumentativo - com forte tendência a levar os jovens a escolherem uma vida mais estável, equilibrada e de acordo com preceitos católicos - pode ter levado a um uso maior dessa posição de contraste.

Também foi relativamente alto o uso da posição VAdvC, com mais de 10% de dados nas duas sincronias. Ao voltarmos aos dados, vimos que não se trata, na maior parte das vezes, de um complemento típico, ou seja, um objeto. Trata-se de usos com predicativo, como em 24 e 25.

(24) “...e foy-lhe **daly en diante** muy fiel,...” (PA, p.29 – l.8)

(25) “Esse encontro é **muitas vezes** um salto na escuridão”. (PC, p.12 – l.12)

Albani (2007) constatou que, sobretudo no português atual, quando o verbo é de ligação, existe uma tendência de os advérbios ocorrerem entre o verbo e o predicativo. Esse uso está praticamente se fixando no português atual quando o advérbio é *sempre*:

(26) Se continuar a servi-lo, você será **sempre** seu escravo. (CCL)

3.2- Relação entre posição do sujeito e o uso de adverbiais

Nosso objetivo aqui é verificar se existe relação entre a posição do sujeito e a colocação de adverbiais na oração. Votre e Santos (1984) postularam que, para manter um equilíbrio sintático, os usuários tendiam a colocar as locuções em posição de sujeito quando este estava formalmente ausente (sujeito oculto ou inexistente) ou deslocado para a posição pós-verbal. Trabalhos formalistas também afirmam que, sobretudo em orações intransitivas sem o sujeito na posição pré-verbal, é comum o uso de um adverbial nessa posição (inicial). Assim a hipótese é a de que a ausência ou a posposição do sujeito em relação ao verbo levaria a locução temporal/aspectual a ocupar posições pré-verbais, enquanto a anteposição do sujeito em relação ao verbo levaria a locução a ocupar posições pós-verbais. Trata-se de uma hipótese puramente estrutural, sem qualquer motivação discursiva.

Os dados foram analisados conforme possuíam:

1) **Sujeito zero**: o sujeito não está formalmente presente na estrutura oracional por ser oculto ou inexistente (classificação de acordo com a Gramática tradicional).

(27) “Esta palaura e uerbo, que nos chamamos Filho de Deus, aue~do misericordia sobre os home~e~s, liurou-[o]s do error e~ que eram e soffreu e quis nacer de molher e conuersar com os home~e~s e morrer por elles e vi~i~ra **outra uez** a julguar a uida de cada hu~u~s.” (PA, p.3 – l.29 a 32)

(28) “**Muitas vezes**, vamos ao encontro dos necessitados” (PC, p.17 – l.4)

2) **Sujeito presente anteposto ao verbo**: o sujeito está formalmente presente e anteposto ao verbo.

(29) “O arcebispo de Se~na perguntou **hu~a uez** hu~u~ monge de Claraual leygo...” (PA, p.8 – l.30)

(30) “**Ao mesmo tempo**, sua oração é uma denúncia ao domínio da riqueza” (PC, p.19 – l.9)

3) **Presença de sujeito posposto ao verbo:** o sujeito se encontra formalmente presente e posposto ao verbo.

(31) “**Hũa uez** preguando hũũ frade do nome de Jhesu muytas boas cousas...” (PA, p.4 – l.46)

(32) “**Pouco depois**, aproximaram-se alguns homens” (PC, p.26 – l.33)

4) **Pronome relativo com função de sujeito:** o sujeito aparece na forma de pronome relativo.

(33) “...em que mora a sabedoria da Sancta Escripura, que em outro tempo foy chagada mais agora he ya sa~a~.” (PA, p.18 – l.11 e 12)

(34) “Tal como os jovens guerreiros que recebiam um banho de óleo **antes de qualquer combate**” (PC, p.56 – l.20)

Consideramos importante separar o sujeito na forma de pronome relativo do tipo “sujeito presente anteposto”, pois nesse caso não há possibilidade da locução adverbial vir antes do sujeito.

Vemos que as locuções podem aparecer em diferentes lugares, aparentemente não importando se o sujeito está formalmente presente ou não e a sua posição. Mas queremos saber se há alguma tendência de colocação do adverbial e testar a hipótese do equilíbrio sintático.

A tabela a seguir apresenta os resultados dessa análise no português arcaico. Para facilitar a análise, juntamos os dados de modo a destacar as ordens pré-verbal e pós-verbal, tendo cuidado de separar também os dados em que os adverbiais aparecem entre o auxiliar e verbo (mas como esta última ordem representa apenas 5% dos dados, não nos ateremos aos dados com essa ordenação)

Sujeito	Pré-verbal	Pós-verbal	AuxAdvV	Total
Zero	33 36,6%	52 57,8%	5 6%	90 100%
Anteposto ao verbo	21 53,9%	18 46,1%	-	39 100%
Posposto ao verbo	26 68,4%	9 23,7%	3 7,9%	38 100%
Pronome relativo	4 30,8%	8 61,6%	1 8%	13 100%
Total	84 46,7%	87 48,3%	9 5%	180 100%

Tabela (3): Relação entre uso de adverbiais e posição do sujeito no português arcaico.

A maior frequência encontrada ocorre quando o sujeito é zero, registrando-se 90 ocorrências. A predominância de sujeito ausente é natural no discurso escrito, uma vez que as desinências verbais já indicam qual é o sujeito da oração. Além disso, o português desta época usava o sujeito oculto com frequência muito mais elevada do que o português atual. Pesquisas

relativas ao português contemporâneo (cf. DUARTE, 1995, 2003; SPANO, 2002, 2008) mostram que o português oral do Brasil tende a apresentar sujeito obrigatório, mas, com relação à escrita formal, o apagamento do sujeito ainda é alto. Os resultados da tabela acima demonstram que, quando o sujeito não está formalmente presente, as locuções tendem a ocupar as posições pós-verbais (57,8% do total de 180 dados), o que não comprova nossa hipótese inicial de que, neste caso, haveria tendência de locuções em posição pré-verbal.

No caso de o sujeito apresentar-se após o verbo, as locuções ocuparam as posições pré-verbais, isto é, 68,4% dos dados, conforme a nossa hipótese inicial.

As locuções não apresentaram preferência de ordenação nos dados em que o sujeito estava anteposto ao verbo. Segundo uma das hipóteses, as locuções deveriam predominar nas posições pós-verbais.

Vejamos os resultados com relação ao português contemporâneo.

Sujeito	Pré-verbal	Pós-verbal	AuxAdvV	Total
Zero	42 56,7%	30 40,5%	2 2,7%	74 100,0%
Anteposto ao verbo	42 53,8%	33 42,3%	3 3,9%	78 100,0%
Posposto ao verbo	6 66,6%	3 33,4%	-	9 100,0%
Pronome relativo	4 30,8%	9 69,2%	-	13 100,0%
Total	94 54%	75 43,1%	5 2,9%	174 100,0%

Tabela (4): Relação entre uso de advérbios e posição do sujeito no português contemporâneo

As locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais tendem a ocorrer na posição pré-verbal quando o sujeito está ausente (56,7% do total de 74) ou posposto ao verbo (66,6% do total de 9), conforme a nossa hipótese inicial. Quanto o sujeito está anteposto ao verbo, 53,8% das locuções adverbiais se encontram na posição pré-verbal. Esses resultados não corroboram a hipótese de que, com sujeito anteposto, os advérbios tenderiam a ocupar posições pós-verbais.

Em linhas gerais, no português contemporâneo, as locuções adverbiais tendem à posição pré-verbal. Observando as locuções e as formas de sujeito presentes nas orações analisadas, concluímos que a colocação da locução adverbial em posição pós-verbal é majoritária apenas no caso em que o sujeito é pronome relativo. Nos demais casos, prevalece a colocação pré-verbal. Esperávamos um número maior de orações com sujeito ausente (sobretudo sujeito oculto), pois se trata de texto escrito. No entanto, esse resultado é explicado pelo fato de se tratar de um texto informal, direcionado para os jovens. O escritor tenta aproximar seu texto do discurso oral e assim usa bastante o sujeito explícito, característica típica do português oral brasileiro.

3.3- Papel discursivo dos advérbios temporais e aspectuais

Verificaremos, como base em Paiva (2008), Brasil (2005), Chafe (1984) e Van Dick (1982), a relação entre o papel discursivo das locuções temporais e a posição das mesmas na oração. Dessa forma, estamos trabalhando com as funções das locuções na macro-estrutura, pois observamos o papel discursivo dessas locuções em contextos maiores que a oração. As locuções foram analisadas, tendo em vista as seguintes funções:

1) **Retomada anafórica:** o circunstancial retoma uma referência já introduzida no discurso anterior.

(35) “E, quando chegou a elrey de Persya e emtrou hu estaua a filha delrrey, **em esta ora** braadou o diaboo pella boca da donzella, dizendo:...” (PA, p.5 – l.51)

(36) “Temos quase dois mil anos de história (...). Daí a importância do estudo da teologia e da exegese católica, das tradições que nos acompanham **nesses dois mil anos de busca**”. (PC, p.43 – l.21)

No exemplo (35), a locução adverbial temporal *em esta ora* retoma a oração subordinada adverbial temporal, que configura a referência anterior retomada pelo adverbial. No exemplo (36), o referente dois mil anos já fora mencionado.

2) **Apresentação de coordenadas temporais:** o circunstancial especifica coordenadas temporais, nas quais se inscreve o valor de verdade do estado de coisas descrito numa oração, ou seja, quando a locução apenas informa sobre o tempo ou aspecto (duração da ação por exemplo), tendo um papel somente dentro da oração em que se encontra (nas tabelas esse uso será chamado de valor neutro).

(37) “E diz o propheta Daud: **Des a nacença do sol ataa o poente** pera louuar he o nome do Senhor.” (PA, p.5 – l.32)

(38) “A pessoa que aprende a mentir para os outros, acabará mentindo para si mesma e para Deus. E o que é pior, acabará **um dia** acreditando na sua mentira”. (PC, p.97 – l.27)

As locuções adverbiais *Des a nacença do sol ataa o poente* (exemplo 37) e *um dia* (exemplo 38) apresentam o valor temporal somente na oração em que se encontra e não faz qualquer ligação com o discurso antecedente.

3) **Introdução de subtópico:** o circunstancial está num oração que introduz um subtópico (um novo assunto ou subtópicos de um assunto mais geral) no discurso.

(39) “Hu~u~ home~ foy leuado ao jnferno pera ueer as pe~nas que hi som, e antre aquelles que hy eram, vyo hu~u~ home~m que era todo metido e os torme~tos, afora a cabeça, que tijnha fora. E pregu~tou~lhe porque no~ padecia pe~na e~na cabeça, e elle lhe disse: Porque soya muitas uezes poer o nome de Jhesu e~na cabeça escripto, e pore~m no~ padeço pe~nas em ella. Exemplo. **Hu~a uez** preguando hu~u~ frade do nome de Jhesu muytas boas cousas, estaua hi hu~u~ cidada~a~o que auia emfirmidade de febre.” (PA, p.4 – l.46)

(40) “Jesus acaba de atravessar o mar e uma numerosa multidão o cerca. **De repente**, sente-se tocado e pergunta”. (PC, p.11 – l.2)

Em (39), a locução está inserida na oração que introduz um subtópico (a exemplificação) do assunto anteriormente explicitado, o não padecer penas na cabeça por ter o nome de Jesus nela escrito. Em (40), a locução *De repente* introduz um novo episódio da narrativa e a partir daí acontece um dos milagres mais conhecidos da história Cristã, quando a mulher que toca em Jesus fica curada. .

4) **Contraste:** o circunstancial faz contraste com alguma outra referência.

(41) “E ella me dise: Agora podes entender que no~ so~o~ eu a gloriosa Uirgem Maria, ca eu no~ som a Uirgem Maria, mais som a egreya, **que e~no primeyro estado** foy muy sancta e~nos apostolos e e~nos marteres e e~nos co~fessores e uirge~e~s, e pore~m soo[m] asy fremosa e~na parte deanteyra e asy apostada. Mais agora, **e~ este tempo derredeyro**, soom e~çuyada e fea e corrupta e chea de desonrra pellos maaos prelados, e pore~ pareço asy podre da parte de tras.” (PA, p.8 – l.40)

(42) ““Ele veio para nos sarar, nos curar, nos salvar e isso é possível somente para aqueles que o encontram. Tocá-lo é se encontrar com ele. Esse encontro é muitas vezes um salto na escuridão. É o caso de Maria, que acreditou e, por isso, se encontrou com Deus. **Outras vezes**, é fruto de um chamado todo especial, como aconteceu com Paulo e Pedro. **Por vezes**, o encontro se dá num momento decisivo e até mesmo angustiante de nossa vida, como aconteceu com aquela pecadora à beira do apedrejamento ou como a samaritana adúltera”. (PC, p. 12 – l. 13-16)

Em (41), o contraste acontece entre a locução *e~ este tempo derredeyro* e a locução *e~no primeyro estado*, mostrando que a igreja era diferente nas duas referências de tempo. Em (42), as locuções adverbiais *Outras vezes* e *Por vezes* introduzem outras formas de se encontrar Deus. Assim consideramos que houve contraste com relação às diversas formas de manifestação do encontro com a fé.

5) **Focalização:** o circunstancial se apresenta acompanhado de um elemento de focalização que lhe imprime um valor de destaque. O elemento de focalização pode ser só, apenas, ou outro.

(43) “**Só mais tarde**, quando Jesus ressuscitado lhe aparece, compreende o motivo do túmulo vazio.” (PC, p.28 – l.9)

A locução *mais tarde* está acompanhada do elemento focalizador *Só* que lhe imprime destaque.

Não houve dados na amostra do português arcaico.

6) **Seqüência temporal:** o circunstancial demarca pontos distintos numa seqüência temporal.

(44) “Hu~u~ creligo, que auia nome Luciano, e~ terra de Jherusalem, jazendo hu~u~ dia de sesta feyra em seu leito, apareceu-lhe hu~u~ barom uelho, (...). E **aa sesta feyra segui~te** aparece[o]-lhe outra uez, repreendendo-o da sua nigliencia, e entom foy-sse Luciano ao bispo de Jerusalem e recontou-lhe todo esto,...” (PA, p.10 – l.40)

(45) “No primeiro episódio, quando os soldados se aproximam, Pedro está ao lado de Jesus, (...). **No segundo episódio**, Pedro o segue de longe (...)”. (PC, p.27 – l.7-10)

Em (44), há uma seqüência de sextas-feiras que descreve o estado e os acontecimentos na vida do clérigo Luciano. No exemplo do português contemporâneo, as locuções “No primeiro episódio” e “No segundo episódio” demarcam pontos distintos numa seqüência temporal. Assim, percebem-se as diferentes posições de Pedro em relação a Jesus.

7) **Função Mista:** o circunstancial tem função mista- serve tanto para retomar algo já dito (função anafórica) como para iniciar um novo subtópico, ou ainda apresenta mais funções.

(46) “E antre elles viu hu~u~ sancto abbade, [que auya] nome Juserto, que lhe dizia: Ex o luguar que te he aparelhado; mais, porque es necessarya aas tuas jrma~a~s ajnda, a cabo de pouco tempo viinras, ca esto ganhou a Uirgem gloriosa Sancta Maria do seu Filho. E **depois**

desto ueo outra uez aquella aue, que trouuera aly a sancta molher, e bafegou-lhe e~na boca e tomou-a e tornou-a donde a trouxera.” (PA, p.11 – l.27)

(47) “A fama de Paulo não era muito boa, tanto que Ananias teve medo de ir ao seu encontro. (...) **Depois da visita de Ananias**, recobra a visão e recebe o batismo no Espírito Santo (...)”. (PC, p.34 – l.24)

A locução *depois desto*, em (46), além de marcar a circunstância de tempo retomando a ação anterior, também está na oração que inicia um novo assunto. A locução adverbial *Depois da visita de Ananias*, em 47, inicia um novo episódio, isto é, uma mudança na vida de Paulo; ao mesmo tempo, é uma retomada anafórica, pois a visita de Ananias já havia sido mencionada.

Vejamos os resultados relativos ao português arcaico:

Função discursiva	Ordenação								Total
	SAdv V	VAdvC	VAdvS	Xadv(X)V	VAdvX	AuxAdv V	ME	MD	
Retomada anafórica	-	1 12,5%	1 12,5%	-	-	-	4 50 %	2 25 %	8 100%
Neutra	9 8,7%	13 12,6%	-	4 3,9%	4 3,9%	5 4,9%	16 15,5%	52 50,5%	103 100%
Subtópico	4 8,3%	5 10,4%	1 2,1%	-	2 4,2%	4 8,3%	31 64,6%	1 2,1%	48 100%
Contraste	2 22,2 %	1 11,1%	-	1 11,1%	-	-	5 55,6%	-	9 100%
Seqüência temporal	-	-	-	-	-	-	7 63,6%	4 36,4%	11 100%
Função mista	-	-	-	-	-	-	1 100%	-	1 100%
Total	15 8,3%	20 11,1%	2 1,1%	5 2,8%	6 3,3%	9 5%	64 35,6%	59 32,8%	180 100%

Tabela (5): Relação entre ordenação e função discursiva das locuções adverbiais temporais/aspectuais no português arcaico.

A análise da tabela demonstra que as locuções com maior frequência são as que possuem valor neutro, ou seja, apenas apresentam a informação temporal ou aspectual relativa ao verbo da oração em análise, com 103 dados ou 57,2% do total de 180 dados. Essas locuções aparecem predominantemente na margem direita com 52 dados (50,2%), que é tida como uma posição não contrastiva. As locuções que estão inseridas em orações que introduzem um novo assunto ou um subtópico do mesmo assunto, as com papel anafórico, contrastivo e de seqüenciador temporal ocorreram com frequência alta na posição margem esquerda: 64,6%, 50%, 55,6% e 63,6 respectivamente. Ressalta-se que apenas 1 locução com mais de um papel discursivo (função mista) foi encontrada no *corpus* do português arcaico e a sua posição foi a margem esquerda, conforme o esperado.

Assim nossa hipótese foi confirmada, pois as locuções com um papel maior na organização textual ou que levam o leitor a prestar mais atenção na informação são as que ocorrem na posição de margem esquerda. As locuções neutras não ativam a atenção do leitor e são colocadas preferencialmente na margem direita.

A seguir, apresentamos a tabela com os resultados do português contemporâneo:

Função discursiva	Ordenação								Total
	SAdv V	VAdv C	VAdvS	Xadv(X)V	VAdvX	AuxAdvV	ME	MD	
Retomada anafórica	-	2 8%	-	-	1 4%	-	14 56%	8 32%	25 100%
Neutra	10 9,9%	21 20,8%	2 2%	7 6,9%	3 3%	5 5%	23 22,7%	31 31,7%	102 100%
Subtópico	2 8%	1 4%	-	1 4%	1 4%	-	18 72%	2 8%	25 100%
Contraste	-	-	-	-	-	-	5 100%	-	5 100%
Focalização	-	1 33,3%	-	-	-	-	1 33,3%	1 33,3%	3 100%
Seqüência temporal	-	1 14,3%	-	-	-	-	6 85,7%	-	7 100%
Função Mista	-	-	-	-	-	-	7 100%	-	7 100%
Total	12 6,9%	26 15%	2 1,2%	8 4,6%	5 2,9%	5 2,9%	74 42,2%	42 24,3%	174 100%

Tabela 6: Relação entre ordenação e função discursiva das locuções adverbiais temporais/aspectuais no português contemporâneo.

Grande parte das locuções adverbiais encontradas especifica coordenadas temporais, isto é, possuem valor neutro. Das 101 locuções com função neutra, 31 estão na margem direita (30,7%), 23 na margem esquerda (22,7%) e 21 entre o verbo e o seu complemento (20,8%). Essas locuções predominam, portanto, na margem direita, mas esperávamos uma ocorrência ainda maior nessa posição. As locuções com papel anafórico e introdutoras de subtópicos predominam na margem esquerda, com 56% e 72%, respectivamente. As locuções com função de contraste e as com função mista apresentam-se categoricamente na posição margem esquerda. Encontramos 3 locuções acompanhadas de um elemento focalizador, sendo 1 ocorrência na posição entre o verbo e o complemento e 1 ocorrência em cada uma das posições marginais (margem esquerda e margem direita). Com relação ao valor de sequência temporal, encontramos 7 locuções no total, sendo 6 na margem esquerda (85,7%).

Como no português arcaico, as locuções com um papel que vai além da oração, um papel na organização discursiva, tentem a aparecer na posição margem esquerda.

4- Conclusão

Analisamos os usos de locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais em duas sincronias do português, tendo em vista sua posição na frase, sua função dentro do contexto discursivo e a relação entre a posição das locuções e a posição do sujeito.

Com relação à ordenação, pudemos verificar que, em ambas as sincronias, as locuções são constituintes bastante livres, predominando seu uso nas margens da oração. No português arcaico, praticamente não houve diferenças percentuais entre margem direita e esquerda, ambas com cerca de 35% de dados. No português atual, há um aumento bastante significativo da margem esquerda. Quase metade de todos os dados está nessa posição, ficando a margem

direita com 24% dos dados. Poderíamos pensar em mudança no uso dessas locuções, mas, como esses adverbiais têm um função discursiva muito evidente, não acreditamos em mudança sintática, pelo menos, não no sentido de fixação de uma ordem. Ao analisarmos o discurso do livro *Tocar o Senhor*, vemos que a margem esquerda é usada para se fazer contraste de idéias e de épocas. Serve como uma estratégia argumentativa para levar o leitor a conhecer e aceitar os ensinamentos católico-cristãos. Escreve-se para jovens, muitos deles com uma vida distante de uma conduta religiosa esperada; escreve-se para um número grande de pessoas, que vivem numa sociedade em que a discussão sobre os dogmas católicos é algo comum, ao contrário de uma época (Idade Média) em que os ensinamentos da Igreja eram ditos como verdades absolutas e eram passados sem que se esperasse questionamento.

O fator que controlou a relação entre sujeito sintático e posição da locução na oração não atuou de modo a evidenciar a presença de equilíbrio sintático: no português arcaico, quando o sujeito estava posposto, conforme esperávamos, a locução adverbial apareceu na posição pré-verbal preferencialmente; mas, quando o sujeito era zero ou quando estava presente na posição pré-verbal, a locução não foi colocada em posição para realizar equilíbrio sintático na maior parte das vezes. No português contemporâneo, pudemos notar que nem a presença formal do sujeito (seja anteposto, seja posposto ao verbo), nem a sua ausência influenciou a posição da locução, pois, seja qual fosse a codificação do sujeito, a tendência foi a locução vir na margem esquerda.

Com relação ao fator “função discursiva da locução”, verificamos que, em ambas as sincronias, as locuções que desempenhavam um papel apenas dentro de sua oração tenderam a aparecer na posição margem direita; já as que estabeleciam um papel na macro-estrutura, seja retomando um referente, seja fazendo contraste entre referentes distintos, seja introduzindo assunto (dentre outras funções) costumavam aparecer na margem esquerda da oração.

Nesta pesquisa, portanto, analisamos um fator estrutural e um discursivo que poderiam motivar a posição da locução de tempo e verificamos que o fator discursivo mostrou-se mais importante.

5- Bibliografia

ANDRADE, Queli Cristina P de. *Ordenação das locuções adverbiais de tempo em editoriais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2005.

BONFIM, Eneida. 1988. *Advérbios*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1999.

CASTILHO, Ataliba de. Apresentação. In: CASTILHO, Ataliba de (org.) *Para a História do Português Brasileiro: primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, p.7-17, 1998.

CEZARIO, Maria Maura et alii. Ordenação de advérbios em textos religiosos. In: *Matraga*. No. 16. Revista da Pós-graduação. Rio de Janeiro:UERJ, 2004.

CEZARIO, Maria Maura. ANDRADE, Queli Pacheco de. FREITAS, Érica Vânia Pianura. *Ordenação de Adverbiais Temporais e Aspectuais*. In: Cláudio Cezar Henriques & Darcília Simões (Org) *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005

CEZARIO, M.M., ILOGTI, É.C. & COSTA, J. O. Ordenação de adverbiais temporais ou aspectuais. In: *Transformar*. Revista do CenPE/Fundação São José. No. 3. Itaperuna: Templo Gráfica, 2005.

COUTINHO, Ismael. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese de doutorado. Unicamp. São Paulo, 1995.

_____. Aspectos inovadores e conservadores na escrita padrão. *Linguística*. V.3, no.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A., RIOS DE OLIVEIRA, M. & MARTELOTTA, M. (Orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. p.29-55, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

ILARI, Rodolfo. *A Expressão de Tempo em Português*. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1996.

LÉO, Pe.scj. *Tocar o Senhor*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MALER, Bertil (org.). *Orto do Esposo*. Versão eletrônica.

MARTELOTTA, Mário Eduardo T. *Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação: Uma Visão Funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 1994.

_____. *Ordenação de advérbios modalizadores no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2002 (mimeo)

_____. Ordenação de advérbios qualitativos: reflexões sobre a unidirecionalidade na gramaticalização. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção et al. (orgs). *Língua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

_____. *Relatório final referente ao projeto ordenação de advérbios qualitativos no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005 (mimeo).

MARTELOTTA, Mário E. e LEITÃO, Márcio M. *A posição dos advérbios qualitativos, intensificadores e locativos em anúncios do século XIX*. Rio de Janeiro (mimeo), 1999.

MARTELOTTA, Mário E., BARBOSA, Afrânio e LEITÃO, Márcio M. Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em -mente em cartas de jornais do séc. XIX: bases para uma análise diacrônica. In DUARTE, Maria Eugênia L. e CALLOU, Dinah. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro - Notícias de corpora e outros estudos* – Vol. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras de UFRJ/FAPERJ, 2002.

MARTELOTTA, Mário E., BARBOSA, Afrânio. *Advérbios qualitativos e modalizadores em -mente: do português arcaico ao português do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004 (mimeo).

OLIVEIRA, M.R., CEZARIO, M.M. & ALBANI, F. Articulação adverbial no discurso religioso. In: Revista *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: Unisul, 2005.

PAGOTTO, Emílio G. *Posição dos advérbios*. Via correio eletrônico: gozze@cce.ufsc.br, 1999.

Pe. Léo. *Tocar o Senhor*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PEZATI, E. & CAMACHO. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. In: Revista *DELTA*. V. 13, no. 2, São Paulo: EDUC, 1997.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SPANÓ, M. *A ordem V SN em construções monoargumentais, na fala culta do Português Brasileiro e Europeu*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *A ordem Verbo-Sujeito no português brasileiro e europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.